



REGISTRO DE INSERÇÃO CONSONANTAL EM CODA COMPLEXA TRAVADA POR /R/ EM ALTO ARAGUAIA-MT⁵

Alessandra Souza de Moraes⁶ - PG/UEMS
Valéria Faria Cardoso - UNEMAT

RESUMO: Estudo do caso de processo de reestruturação silábica no Alto Araguaia-MT, mais precisamente na ocorrência de inserção de consoante C4 em coda silábica medial e final de palavras. Foram analisadas três amostras de entrevistas realizadas com falantes colaboradores que residem na referida cidade. As entrevistas foram feitas com auxílio de questionário construído a partir de um atlas linguístico. As amostras foram transcritas foneticamente com o auxílio do alfabeto fonético internacional (IPA). Tem-se por hipótese a existência de inserção de C4 em sílabas travadas por /R/ podendo ser confirmada, analisada e registrada ou ser refutada, caso não ocorra.

Palavras chaves: Fonética; Fonologia; Sílabas; Coda.

ABSTRACT: Case study of syllabic restructuring process in Alto Araguaia-MT, more precisely in the occurrence of insertion of consonant C4 in middle and final syllable coda of words. Three samples of interviews with collaborating speakers residing in that city were analyzed. The interviews were conducted with the help of a questionnaire built from a linguistic atlas. The samples were transcribed phonetically with the aid of the International Phonetic Alphabet (IPA). It is hypothesized the existence of C4 insertion in syllables locked by / R / can be confirmed, analyzed and recorded or refuted, if not.

Key words: Phonetics; Phonology; Syllable; Coda.

⁵Este artigo é fruto de pesquisa realizada em no ano de 2015 como requisito parcial para obtenção de título de graduação.

⁶ Mestranda em Letras pelo Programa de mestrado da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul.



Introdução

Base muito importante para socialização e sua organização no espaço, a linguagem é parte essencial no mundo dos humanos. Se falamos, logo pertencemos a um grupo de falantes e isso não quer dizer que falamos exatamente igual a todos desse grupo. Em todo mundo, e portanto, em todas as línguas ocorre o fenômeno denominado variação linguística no qual cada falante possui uma maneira própria de falar. Deste modo, podemos encontrar variação linguística tanto em grupos de falantes como também dentro de grupos de falantes. A motivação dessa pesquisa surgiu a partir de uma observação acústica ou percepção acústica, feita pela pesquisadora, de uma sílaba atípica na fala de alguns moradores da região de Alto Araguaia-MT. Após muitas buscas literárias não obtivemos êxito quanto ao registro dessa variação em nenhuma parte do país e decidimos registrá-la com o intuito de contribuir com a caracterização da variedade falada no sul do Estado de Mato Grosso e com a diversidade linguística encontrada em nosso país. Além disso, propomos com esse estudo analisar o porquê desse tipo de ocorrência atípica na coda silábica.

Para registrar essa sílaba atípica utilizamos como referencial teórico a descrição das características fonético-fonológicas de consoantes e vogais do português brasileiro, bem como seus processos e regras fonológicas, com ênfase nos arquifonemas /R/, /S/ e estrutura da silábica do português, com ênfase na coda. Também foram abordados alguns estudos referentes a inserção de segmentos em coda no português.

O corpus tem como base amostra contendo falas de entrevistas gravadas com falantes moradores da cidade de Alto Araguaia-MT região sul do Estado de Mato Grosso. A entrevista conta com questionário de oitenta questões e foi baseado no questionário fonético-fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Além disso, as palavras escolhidas tinham como critérios a tonicidade e acentuação. Foram feitas transcrições de todas as falas dos entrevistados, com base na tabela do alfabeto fonético internacional (IPA).

Iniciamos expondo um pouco mais sobre o tema e as principais teorias fundamentais a esse trabalho: a fonética e fonologia. No campo da fonética foram expostas algumas considerações importantes a respeito do sistema fonador humano, segmentos vocálicos e consonantais. Logo após, entramos no campo da fonêmica fazendo um paralelo com a fonologia gerativa através dos seus principais conceitos como: os processos fonológicos, as regras fonológicas, os traços distintivos, a matriz fonética do português, a estrutura silábica do português e tonicidade. O segundo tópico deste artigo se atem à pesquisa



linguística de campo no qual aborda o local da pesquisa, técnicas e instrumentos utilizados, colaboradores e transcrição fonética. O terceiro tópico descrevemos alguns trabalhos realizados e que tem como característica a inserção de alguns segmentos em coda no português brasileiro. Por fim, dedicamos o último tópico à análise dos processos de coda silábica nos dados obtidos.

Aporte teórico: A fonética da Língua Portuguesa

A fonética, segundo Silva (2015, p. 23), é a ciência responsável pelos estudos relacionados aos sons das línguas naturais, em geral e através dela podemos obter métodos para descrever, classificar e transcrever os sons da fala. Possuidora de alguns campos específicos de estudos temos nela: a fonética articulatória, acústica, auditiva e instrumental. Utilizamos neste trabalho o campo da fonética articulatória cuja função é analisar a formação da fala em uma perspectiva fisiológica e articulatória e portanto estuda o funcionamento do aparelho fonador no ato da fala, como no caso dos seguimentos consonantais: o mecanismo da corrente de ar, estado da glote, posição do véu palatino, articulador ativo e passivo e grau da estrutura e nos seguimentos vocálicos: posicionamento da língua em termos de altura, posicionamento da língua em termos posterior e anterior e arredondamento dos lábios ou não. Sendo melhor elucidado:

[...] qualquer comunicação realizada através de línguas orais com sucesso, seja ela um simples cumprimento ou elaborado discurso político, pressupõe alguns requisitos básicos com relação aos interlocutores: um funcionamento físico adequado do cérebro, dos pulmões, da laringe, do ouvido, dentre outros órgãos, responsáveis pela produção e audição (percepção) dos sons da fala. (SEARA et al. 2015, p. 15).

O ser humano possui um aparelho fonador que, antes de funcionar para os fins de produção da fala, funciona para outras funções primárias de sobrevivência. Utilizamos vários órgãos do sistema respiratório nessa produção. A partir de agora, aprofundaremos os estudos referentes aos segmentos que o aparelho fonador humano é capaz de produzir. Iniciaremos com os segmentos consonantais e seguiremos com os vocálicos. Quanto aos seguimentos consonantais a autora assim os descreve: "Nos seguimentos consonantais há obstrução parcial ou total na passagem da corrente do ar pelas cavidades supraglotais podendo ou não existir fricção na emissão do som". (SILVA, 2015, p. 26).



Alguns parâmetros foram levados em consideração na descrição dos seguimentos consonantais como: o mecanismo da corrente de ar, estado da glote (vozeada ou não vozeada), posição do véu palatino, articulador ativo e passivo e grau da estrutura. A maior parte dos sons produzidos ocorre com a presença do mecanismo da corrente de ar, que pode ser pulmonar, glotal ou velar. Os sons consonantais da língua portuguesa são produzidos com a corrente de ar pulmonar, que conforme a posição do articulador ativo (lábio inferior, língua, véu palatino e cordas vocais) em contraposição ao articulador passivo [lábio superior, dentes superiores e céu da boca (alvéolos, palato duro, véu palatino e úvula)] pode se demarcar o lugar de articulação.

O lugar de articulação pode ser bilabial, labiodental, dental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal. Também temos a maneira ou modo de articulação que está ligado ao tipo de obstrução da corrente de ar causada pelos articuladores durante o processo de produção de um segmento, o grau de estrutura. As maneiras e modos de articulação que ocorrem no português são: Oclusiva, nasal, fricativa, africada, tepe, vibrante, retroflexa e lateral⁷. Com relação aos segmentos vocálicos do português, segundo Silva (2015, p. 66), a característica principal é o caminho da corrente de ar, que é contínuo, sem interrupções na linha central sem bloqueio ou atrito no trato vocal. É possível categorizar os seguimentos vocálicos nos seguintes aspectos: posição da língua em termos de altura, posição da língua em termos anterior e posterior e arredondamento ou não dos lábios. A altura da língua constitui o aspecto vertical preenchido pela língua dentro da cavidade bucal e se divide em níveis, no português: alta, média-alta, média-baixa, e baixa. A anterioridade e posterioridade da língua constituem no ponto do corpo da língua no aspecto horizontal na extensão da articulação do segmento vocálico, podendo então assumir três posições: anterior, central e posterior. No quesito arredondamento ou não dos lábios eles podem estar estirados ou arredondados.

Fonologia da língua portuguesa- Análise dos fonemas do português

A fonologia, segundo Seara et al. (2015, p. 15) é basicamente uma ciência que se propõe a explicar como entendemos e organizamos os inúmeros sons que emitimos através do nosso aparelho vocal. Fracionando os segmentos contínuos da fala, a fonologia possibilita um estudo minucioso dessas

⁷ Ver tabela com os símbolos fonéticos relevantes para transcrições do português como: o lugar, maneira e modo de articulação das consoantes em Silva, 2015. p. 37.



partes. Atrelada a fonética, por conta de estudar um mesmo objeto, o som, os estudos fonológicos são uma elucidação limitada a uma língua singular e a postulados teóricos que a descrevem, daquilo que a fonética apresenta. Confirmando isso temos:

Fonética e fonologia tem sido entendidas como duas disciplinas interdependentes, uma vez que para qualquer estudo fonológico é indispensável partir do conteúdo fonético, articulatorio elou acústico para determinar quais são as unidades distintivas de cada língua. A caracterização da fonética como ciência que trata da substancia da expressão e da fonologia como a ciência que trata da forma da expressão é aceita pela maioria dos linguistas por não implicar a oposição entre os dois campos de conhecimento, nem sua independência e autonomia. (CALLOU & LEITE, 2003, p. 11)

Como visto, é possível fazer um paralelo em que a fonética tem como ponto central a fala e a fonologia a língua. Seguindo na área de fonologia descreveremos a seguir alguns propósitos e diferenças dos modelos fonológicos de teoria estruturalista e gerativista.

Silva (2015, p. 119) aborda os estudos fonológicos, de cunho estruturalista, baseando se na história que leva à fonêmica, cujo propósito era fornecer métodos capazes de transformar qualquer língua nativa oral em códigos escritos. Deste modo, organizam uma cadeia sonora, baseando-se em quatro premissas primárias que se encaixam a quaisquer características universais das línguas. Premissa 1: Os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que ocorrem; Premissa 2: Os sistemas sonoros tendem à simetria; Premissa 3: Os sons tendem a flutuar e premissa 4: Sequências sonoras exercem pressão estrutural na interpretação de segmentos ou sequências de segmentos suspeitos. É bom deixar claro que a fonêmica faz uso das transcrições fonéticas dedicando-se mais a situação e posição. Existem outros conceitos importantes da fonêmica e utilizados para análise, são os fones, fonemas e os alofones. Para defini-los usaremos os conceitos de Seara et al. (2015, p. 96). O fone é utilizado pela fonética como menor unidade para descrição de um som e é transcrito entre as barras []. Na fonêmica ou fonologia estruturalista o fonema é a menor unidade de som a ser analisada sendo que o mesmo distingue sons vocálicos elou consonantais parecidos O alofone é um tipo de variedade encontrada para um mesmo fonema, como por exemplo o fonema /r/ em <porta> que pode ser pronunciado de várias maneiras no país, porem o significado da palavra não será alterado: [‘pɔrtɐ], [‘pɔitɐ]. [‘pɔhtɐ], [‘pɔxtɐ].



Seara et al. (2015, p. 101) traz ainda para a fonêmica os conceitos de distribuição complementar e variação livre, sons foneticamente semelhantes (SFS) e pares mínimos. A distribuição complementar ocorre quando um segmento ocorre dependendo do contexto. Citaremos o mesmo exemplo da obra da autora, uma vez que é de grande relevância para esta pesquisa: o segmento /t/ que na maioria dos estados brasileiros é pronunciado com a fricativa ʃ. Porém, isso acontece apenas quando o /t/ é seguido da vogal /i/ como em <tia> [ˈtʃiɐ] e não ocorre em outro contextos como em <tapa> [ˈtapa] ou <tempo> [ˈtẽpu]. Em seu quadro de distribuição complementar a autora demonstra o processo, lido como o fonema /t/ será pronunciado como [tʃ] quando for seguido de [i ɪ j] e como /t/ diante aos outros seguimentos. A mesma distribuição ocorre com o uso do segmento /d/ seguido da vogal /i/. Esse processo fonológico é ilustrado através de uma regra em Seara et al. (2015. p. 102):

$$\begin{array}{c}
 /t/ \quad \quad \quad [tʃ] / _ [i \text{ } j] \\
 \quad \quad \quad [t] / _ \text{nos demais ambientes (nda)} \\
 \rightarrow \quad \left\{
 \end{array}$$

No caso da variação livre, como o próprio nome sugere, diferente da distribuição complementar, a variação não é condicionada a nenhum segmento posterior ou anterior. Assim, palavras como <porta>, vista na definição de alofones, cuja variação do /r/ pode ser [r], [ɾ], [h] e [x] tem variação livre. No caso dos sons foneticamente semelhantes (SFS), os sons tem características parecidas, como a vozeamento, modo e articulação. Há alguns casos em que podemos detectar esses sons, como por exemplo os sons que mudam pelo vozeamento

/t/ e /d/. Eles são articulados no mesmo lugar e maneira se diferenciando apenas no vozeamento, sendo /t/ desvozeado e /d/ vozeado. Sons com o mesmo lugar de articulação ou pequenas diferenças como no caso dos vocálicos [o] e [ɔ] também fazem parte dos SFS. Sabendo mais sobre os SFS fica mais fácil perceber pares mínimos, fonemas ou alofones. Podemos citar o exemplo de par mínimo nas palavras <bata> e <pata>. É possível identificar facilmente que apenas um seguimento consonantal o [b] e [p] difere do restante das duas palavras. Dizemos então que esses sons ocorrem por contraste em ambientes idênticos. Note ainda que a diferença dos fonemas [p] e [b] podem alterar completamente o sentido das palavras parecidas. Então podemos afirmar, baseado em Cavaliere (2010, p.40), [p] e [b] como fonemas, unidades mínimas distintas. Caso dois fonemas não alterem o significado das palavras de um par podemos dizer que são alofones. Seara et al. (2015. p. 96) resume a fonêmica: "Assim, a fonêmica prescinde de uma análise cuidadosa dos dados, transcritos foneticamente, levando em consideração seus contextos, ou seja, sua distribuição".



Conceitos fundamentais da Fonologia Gerativa padrão/clássica

As principais características da fonologia gerativa propõe uma unidade menor que o fonema, os traços. Callou & Leite (2003, p. 36) comenta sobre o fonema ter seu conceito reformulado passando a ser "um feixe de traços distintivos". Os traços são representados de forma binária (+ ou -) com intuito de auxiliar no reconhecimento das propriedades articulatória dos sons. Seara et al. (2015, p. 97) destaca: "Fonemas não são mais as unidades mínimas, mas são agora decompostos em traços distintivos menores [...]. Um fonema nessa teoria é, na verdade, o resultado da combinação de unidades menores do que ele: os traços distintivos." Além disso, a fonologia gerativa não apenas descreve dados, mas esclarece os porquês de serem. O precursor da fonologia Chomsky (apud Seara et al. p.97) propõe estudá-la através de uma dicotomia: competência x desempenho. A competência é a noção que uma pessoa tem sobre as regras de sua língua e desempenho o uso efetivo ou concreto da língua. Como faz notar:

Comparando-se a proposta gerativa ao modelo estruturalista podemos dizer que a competência relaciona-se a língua e que o desempenho relaciona-se a fala. inovação do modelo gerativo, do ponto de vista teórico e metodológico refere-se a noção transformacional de geração de estruturas gramaticais e quanto ao relacionamento explícito que passa a ser definido entre a linguagem e o mecanismo psicológico que gera. (SILVA, 2015, P. 190):

Deste modo, a fonologia gerativa inova propondo uma reflexão sobre a formação e modificação nas estruturas gramaticais e evidências da forma como a linguagem é produzida. A partir de oposições e distribuições atesta o que é generalizado em um determinado sistema sonoro.

Traços distintivos

Como vimos, a fonologia gerativista traz uma nova concepção sobre a menor unidade distintiva, os traços. Seara (2015) propõe que os traços distinguem as singularidades dos fonemas podendo se firmar em fatores articulatórios, acústicos ou perceptuais. Sendo assim os traços funcionam de forma mais eficazes para capturarem as características dos segmentos envolvidos nos processos fonológicos de quaisquer línguas. Os traços são binários podendo estar presente [+] ou ausente [-] em



um segmento e se dividem em quatro grupos: classes principais, cavidade, modo de articulação e fonte. A apresentação dos traços será exposta através das autoras Silva (2015) com alguns pontos relevantes complementados por Seara et al. (2015).

Segundo Seara et al. (2015, p. 133) cada grupo de traços possui ainda suas divisões. Os de classes principais se dividem em silábico, consonantal e soante. O grupo de traços de cavidade podem ser coronal e anterior. Os traços relacionados ao modo de articulação são: contínuo, soltura retardada e tenso. Por último, temos os traços com relação a fonte que podem ser: vozeado e estridente. Esmiuçando um pouco mais, podemos entender a noção de cada tipo de traço. Por exemplo, nos traços de classes principais temos o silábico constituído de segmentos possuidores de núcleo silábico. Caso não haja uma vogal nesse segmento então será [- silábico] e se houver [+ silábico]. Logo podemos deduzir, neste caso, que as consoantes e glides são [- silábico] e as vogais [+ silábico].

Também temos neste grupo o traço consonantal que descreve os segmentos com bloqueio total e parcial durante sua produção no trato vocal e é contrário ao silábico. Isso porque as vogais serão [-consoantes] e consoantes e glides serão [+ consoantes]. O soante, último das classes principais, é definido com relação a passagem livre do ar pela cavidade nasal e oral [+ soante]. As vogais, glides, consoantes líquidas e nasais são exemplos de soantes [+soan]. Como não soantes temos as consoantes plosivas, fricativas, africadas, vibrantes e tepe que possuem traço [-soan] por serem sons com passagem com bloqueios pelas cavidade nasal e oral. No traço de cavidade temos o coronal, que é produzido quando a lâmina da língua é levantada, portanto acima da posição neutra [+ coronal] e se a língua permanecer em posição neutra é [-coronal].

Temos ainda, no grupo dos traços de cavidade, o traço anterior que é quando um segmento é produzido com algum tipo de obstrução no trato oral, mais precisamente na região anterior a alveopalatal como no caso das consoantes labiais, dentais e alveolares [+ ant] e as não anteriores [-ant] são as alveopalatais, palatais, velares e faringais. Outro traço que temos de cavidade é o coronal. Nele é definido os sons produzidos com a ponta da língua, ou ápice da língua, em posição de elevação acima do observado na língua em posição neutra. São [+cor] as consoantes dentais, alveolares, alveopalatais e retroflexas. As demais consoantes são [-cor]. O posicionamento da língua é definido com os traços: alto, baixo, recuado ou posterior e arredondado. No alto são segmentos produzidos com o corpo da língua em posição mais elevada que quando a língua em posição neutra. São [+ alt] as vogais altas, os glides, as consoantes alveopalatais, palatais e velares. Os demais segmentos são [-alt] ou não altos. No baixo são os segmentos produzidos com a posição da língua abaixo da observada quando em posição neutra. São [+bx] as vogais abertas[a], [ɛ] e [ɔ] e [-bx] não baixos, as consoantes, vogais altas e médias altas.



No recuado ou posterior o som é produzido com a língua retraída em relação a posição neutra da língua. São [+rec], recuado, as vogais centrais e posteriores, as consoantes velares, uvulares e o glide posterior. Os [-rec], não recuado, são os demais segmentos, por exemplo as consoantes glotais. Quanto as aberturas secundárias, temos a nasal e lateral. No traço nasal os sons são produzidos na cavidade nasal após o abaixamento do véu palatino que libera o ar para essa cavidade. São [+nas] as consoantes, vogais e glides nasalizados e [-nas] os sons plosivos, fricativos, laterais, africados, vibrantes, tepe e vogais orais. No traço lateral o som é produzido e o ar escapa pela lateral da língua após sua parte média abaixar dos dois lados. São [+lat] as líquidas laterais e os demais segmentos são [-lat].

Os traços provenientes do modo de articulação são contínuo, soltura retardada e tenso. O contínuo determina que o segmento mesmo com constrição permite a passagem do ar pela cavidade oral durante todo o seu percurso, não havendo portanto bloqueio total. São [+cont] as consoantes fricativas, líquidas e glides. Algumas definições podem variar de [+cont] ou [-cont] a depender da língua como é o caso das consoantes laterais e dos róticos: fricativas [+cont], vibrantes e tepe [-cont], por exemplo. A soltura retardada diferencia os sons das plosivas das africadas. Quando o trato vocal se abre de forma gradual, como é no caso das africadas temos o traço [+solt ret] e quando temos o inverso, ou seja, quando o trato vocal se abre de uma vez, como é o caso das plosivas, então temos [-solt ret]. O traço tenso é usado apenas em sons vocálicos. Quando um som é produzido com muito esforço muscular. Em [ɛ] e [ɔ], vogais átonas e semivogais temos [-tenso], nas demais temos [+tenso]. Encerrando os traços temos o referente a fonte, o vozeado. O sonoro são os sons produzidos com a vibração das cordas vocais. São [+son] as vogais e glides, consoantes sonoras como as líquidas, nasais, vibrantes e o tepe. As [-son] são as consoantes surdas. Uma demonstração dos traços distintivos e seus respectivos locais de atuação pode ser vista logo mais na matriz fonética do português.

Processos fonológicos

A todo instante, em quaisquer comunidades linguísticas, uma nova palavra é formada. Cada vez que isso acontece podemos estar diante de alguns dos processos fonológicos existentes, sendo assim definidos:

A língua é dinâmica por sua própria natureza e está sujeita a modificações. Em qualquer momento, quando se combinam elementos para formar palavras ocorre uma série de modificações, determinadas por fatores fonéticos,



morfológicos e sintáticos. Fatores prosódicos como acento da palavra ou da frase, a entonação ou a velocidade da elocução são aspectos que também devem ser levados em consideração. (CALLOU & LEITE, 2003, p.43).

Alguns grupos de sons tem algumas características em comum e constituem o que foi denominado classes naturais. Seara et al. (2015) nos explica que para esses grupos temos a aplicação dos processos fonológicos. Os processos são gerados em decorrência de mudanças na evolução das palavras, por exemplo no caso de derivação de palavras, campo da morfologia. Geralmente, apresentamos mais processos fonológicos na infância, quando começamos a falar, e podem ser consequências de limitações e dificuldades na articulação dos sons ou na organização mental da estrutura dos sons. Entretanto, nosso foco não é no período da infância e sim enquanto adultos.

Os principais processos fonológicos que ocorrem no português brasileiro são: a assimilação, reestruturação silábica, enfraquecimento e reforço e neutralização. A assimilação, como o próprio nome sugere é o processo em que um dos segmentos toma para si o traço distintivo do segmento vizinho. Seara et al. (2015) cita o exemplo da palavra quilo ou /'kilo/ ou ['kʲilu] A posição da consoante /k/, seguida de uma vogal com produção mais anterior, faz com que seja produzida de maneira semelhante ao da vogal, deixando suas características de consoante velar. Esse processo fonológico é o da assimilação por palatização, mas temos também a labialização, nasalização, vozeamento e harmonia vocálica. Na reestruturação silábica, Seara et al. (2015) nos esclarece que as vogais e consoantes podem ser inseridas ou eliminadas de um segmento, podendo haver troca (permuta) ou junção de dois segmentos. Um exemplo de troca é na palavra <iogurte> /io'guRte/ [io.ɪ'gutʃi]. Note que anteriormente a palavra era V.V.CVC.CV e depois V.VC.CV.CV. O enfraquecimento e reforço ocorrem quando os segmentos são mudados dependendo da posição que ocupa na palavra, podendo gerar apagamento ou reforço. Um exemplo de enfraquecimento pode ocorrer na palavra <cânfora> /'kaNfora/ ['kãfo.ɪ]. Note que a palavra passou de proparoxítone para paroxítone e de trissílaba para dissílaba. Houve portanto um processo na tonicidade e na estrutura silábica. Por último, temos a neutralização que se dá quando os segmentos se fundem, como acontece no caso de vogais finais não acentuadas. Schwindt (2013) em seu trabalho sobre a neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro, salienta que a tonicidade influencia neste quesito, pois temos sete oposições vocálicas tônicas, cinco na pretônica e três postônica final: Altas /i/ anterior e /u/s posterior e baixa /ɐ/ central. Deste modo temos o exemplo das palavras <ânus> e <anos> pronunciadas de maneira iguais, [ãnws], sendo diferenciadas apenas através do seu contexto.



Para melhor compreender como esses processos e regras funcionam detalhadamente estudaremos, a seguir, os traços distintivos, forma binária de distinguir os sons produzidos em quaisquer língua.

Regras fonológicas

As regras fonológicas, conforme Seara et al. (2015), surgem com intenção de caracterizar e formalizar processos fonológicos. Assim, as principais perguntas iniciais são quais segmentos mudaram, quais foram as mudanças e sob quais condições mudaram. Uma representação lúdica das regras fonológicas pode ser vista na fórmula: A B / C _____ → _____ D, em que A equivale a descrição estrutural, B a mudança estrutural e C e D aos ambientes que ocorrem as mudanças. Há regras para todos os processos fonológicos: a assimilação, reestruturação silábica, enfraquecimento e reforço e neutralização, expostos no segundo tópico e ainda para a monotongação e sândi externo. Um exemplo funcional dessas regras com o processo de sândi externo <casa amarela> [kazama'relə] /kaza ama'rela/. Para esse processo temos a regra:

$$/V/ \rightarrow \emptyset / _ \# V.$$

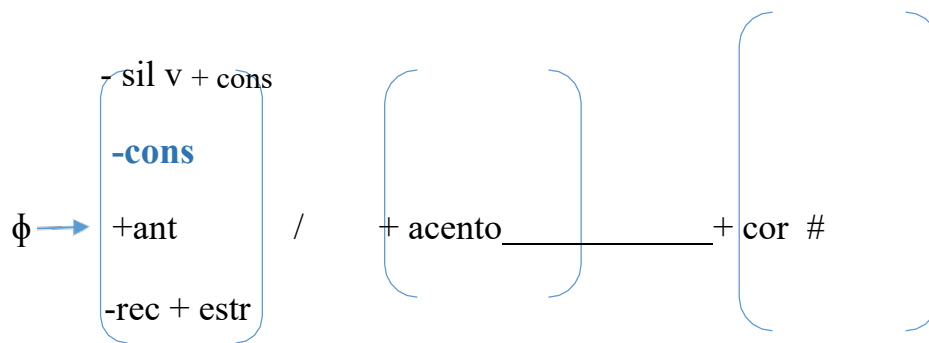
A regra acima especifica que uma vogal átona em final de palavra é eliminada quando a palavra que a segue também começa com uma vogal. Note que uma vogal é retirada neste processo, logo temos outro processo, o de reestruturação silábica, pois a estrutura silábica era CV. CV. V. CV.CV.CV. e passou a ser CV.CV.CV.CV.CV.

Seguimos agora com um exemplo de inserção, tipo de processo que será pertinente a este trabalho, bem como sua regra fonológica. Seara et al. (2015) ilustra vários exemplos em sua obra. Utilizaremos o da inserção de uma vogal diante de uma consoante que aparece sozinha na palavra, por exemplo, em pneu, advogado, absoluto. Note que, por termos na estrutura silábica do português uma quantidade significativa maior de sílabas formadas por CV, na pronúncia dessas palavras inserimos diante a consoante que está sozinha uma vogal para transformarmos em uma estrutura ideal. Assim, geralmente, pronunciamos a palavra

<pneu> [pi'neu] /pineu/ e estrutura silábica CV. CV V. Se fosse pronunciada conforme a



proposta original da sílaba seria [p'neu] teria uma estrutura silábica C.CVV. Temos também a ditongação que ocorre, por exemplo, na palavra <xadrez> [ʃa'dres] que ao ser pronunciada recebe um /i/ antes do /s/ [ʃa'dreis]. Neste processo foi alterada também a estrutura silábica que era de CV.CCVC para CV. CCV. CV. Para este processo fonológico, que também é conhecido como epêntese, temos a seguinte regra:



A regra acima exposta determina a existência da inserção de um segmento [+ silábico, consonantal, + alto, - recuado, arredondado], portanto o [j], quando uma consoante [+ cor, + estr] em posição final de sílaba for precedida por uma vogal acentuada.

Para Silva (2015, p. 198-199) as regras fonológicas se tipificam em três e podem expressar transformação, cancelamento e inserção de segmentos. A autora exemplifica cada uma das regras. No caso da transformação temos, por exemplo, a seguinte regra: o segmento

/l/ transforma-se em [w] quando em posição final de sílaba, por exemplo em <pastel> [pas'teu] /paS'tel/. Temos sua representação:

$$/l/ \rightarrow [w] / \text{___} \$$$

1

Na regra quanto a cancelamento temos, por exemplo, o segmento /l/ cancelado quando precedido de vogal acentuada e seguido do morfema de plural S. Sua representação:

$$/l/ \rightarrow \emptyset / 'v \text{___} + S$$



Por último temos a regra de inserção no qual coloca-se, por exemplo, o segmento [ɪ] quando uma vogal acentuada é seguida do morfema no plural S. por exemplo < fez> /fe+S/ [ˈfɛɪS]. Sua representação:

$$\emptyset \rightarrow [\text{ɪ}] / \text{'V} _ + \text{S},$$

Estrutura silábica do português

A sílaba se constitui como importante forma de organização de uma língua, unidades menores se juntam e se transformam em unidades maiores formando a sílaba. Cada língua tem regras na formação de suas sílabas e algumas regra servem para todas as línguas naturais. Os estudos da estrutura silábica do português são de grande relevância para este trabalho, com ênfase na coda.

Nos estudos de Seara et al. (2015), além da noção geral da sílaba, é proposto também a organização com base na fonologia gerativista. Sendo assim, a estrutura silábica é dividida em onset, núcleo e coda. Como exemplo temos a palavra <luz> /ˈluS/, cujo /l/ é o onset, o /u/ é o núcleo e o /S/ é a coda. Estabelecendo quais segmentos farão ou não parte de uma sílaba é necessário entender o grau de soância, de uma lado os elementos mais soantes e do outro os menos soantes. Conforme a escala com os graus de soâncias temos as vogais com 3, as líquidas e róticos com 2, nasais com 1 e as oclusivas e fricativas com 0. Algumas condições foram estabelecidas, de modo geral, para todas as línguas como: não se pode ter sequência de elementos com o mesmo grau de soância no onset e em coda silábica: o elemento mais sonoro da sequência de sons será o núcleo da sílaba, sendo que do onset para o núcleo a escala de soância deverá subir e descer do núcleo para coda. Um exemplo seria na palavra <cuspe> [ˈkuspɪ] /ˈkuSpi/ que não poderia ter uma sílaba <spe> e portanto com ataque <sp>, pois a sonoridade dessa sílaba teria soância iguais, fricativa e oclusiva com valor na escala de 0. Assim <cus>, CVC, tem onset

/c/, núcleo /u/ e coda /S/, com crescimento na escala do onset para o núcleo 0 a 3 e decréscimo do núcleo para coda. Na sílaba <pe> CV, temos o onset /p/ e o núcleo /e/, com escala de 0 a 3, crescimento do onset para a o núcleo que também é incluída nos valores e regras hierárquicas pré-estabelecidos para a constituição de uma sílaba bem formada.

Na maioria das vezes, as sílabas das línguas naturais tem a vogal como elemento principal, sendo que por desempenhar esse papel relevante adquiriu na hierarquia um peso maior na escala de soâncias e é



considerada núcleo de uma sílaba. Além disso é indispensável para o formato silábico. No núcleo silábico, geralmente, a vogal é determinante para sua formação porem algumas consoantes, as líquidas e nasais, também podem ser núcleo silábico. Atentos a essas condições podemos contar as sílabas através número de vogais que a palavra tem. Já o onset pode preceder o núcleo com uma ou duas consoantes e por isso ocupa uma posição pré- vocálica, sendo simples ou complexo, respectivamente. O onset simples pode ser preenchido por todas consoantes do português. O onset em posição medial ocorrem com algumas consoantes. Um exemplo dessas consoantes especifica é o [ɲ] no início de palavras, que não originadas do português, como é o caso da palavra <nhoque> ou / [iɲokj]. Note que sempre que temos palavras emprestadas de outra língua com formação silábica diferenciada, tentamos



pronunciá-la com o formato silábico de nossa língua. Por isso iniciamos com o /i/ antes do /ɲ/ na pronúncia, pois não temos sílabas com essa consoante como onset. Essa mesma consoante ocorre com mais frequência, no português, no meio das palavras como em <manhã> [mãɲɐ]. O onset complexo tem duas consoantes que antecede o núcleo silábico. Essas consoantes são impreterivelmente preenchidas da seguinte forma: a primeira é formada por uma fricativa labiodental [f, v] ou uma oclusiva /p, b, t, d, k, g/ e a segunda apenas por uma líquida lateral ou não lateral /l, ɾ/, exceto em <tl>, <dl> e <vr>, ocorridos em onset e não detalharemos suas especificidades devido a sua irrelevância a esta pesquisa. Temos no onset complexo o tipo de encontro consonantal tautossilábico, quando o encontro é na mesma sílaba, por exemplo <prato> [ˈpra.tu]. Caso fosse em sílabas separadas seria um encontro consonantal heterossilábico, por exemplo <Israel> [iʃaˈɐw].

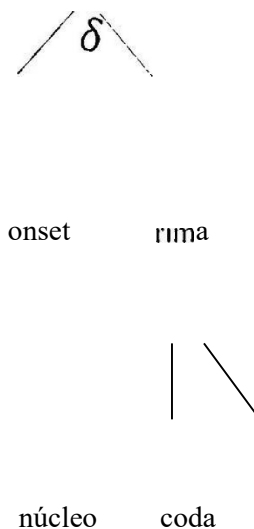
Visto um pouco sobre o onset e núcleo silábico, passemos a coda que é importantíssima para esta pesquisa. Segundo Seara et al. (2015, p. 121), a coda silábica ocorre sempre em posição pós-vocálica podendo ser constituída de uma ou mais consoantes. Parte essencial a esta pesquisa, estudaremos seus conceitos que serão retomados como parte de sua análise final. No caso de apenas uma consoante a coda será simples e no caso de mais de uma consoante será complexa. Exemplificando a estrutura silábica da coda temos a palavra /ˈpaR.tu/ para uma coda simples e /moNS.tru/ no caso de uma coda complexa. Há algumas regras para essa estrutura silábica, como por exemplo, consoantes específicas que ocorrem nesta estrutura: os arquifonemas. Silva (2015, p. 158) conceitua o arquifonemas sendo fonemas com perda de contraste fonêmico levando a neutralização de um ou mais fonemas, dependendo do seu contexto. Em outras palavras o arquifonema unifica várias pronúncias de uma mesma consoante. Temos no português os arquifonemas [N/. /S/, /R/ e /L/. salvo o N que dependendo da teoria admitida pode ser interpretado como uma vogal nasalizada e não uma consoante e deste modo a estrutura de cada interpretação sofrerá diferença. Como exemplo do uso do arquifonema /N/, temos a palavra 'banco' /baNko/ e uso da vogal nasal [ˈbãku]. É preciso também citar o caso do

/L/, que em final de sílaba, geralmente, é vocalizado no português passando a ser um <u> /w/.

Conforme Seara et al. (2015), as sílabas possuem classificações de acordo com os segmentos pré e pós núcleo. Se a sílaba possui somente um núcleo silábico ou um elemento vier antes do núcleo na posição de onset ela é considerada simples. Caso a sílaba tiver após o núcleo um ou mais seguimentos ou antes dele tiver uma ou mais consoantes é considerada complexa. Além disso, temos os tipos de sílabas abertas ou livres e as fechadas ou travadas. Seara et al. (2015, p. 121) assim define: “[...] abertas ou livres (quando possuem apenas um elemento no núcleo e portanto uma rima não ramificada) e fechadas ou travadas (quando possuem rima



ramificada, ou seja, mais de segmento no núcleo ou preenchimento da coda)". Para melhor compreensão do termo rima é necessário apresentar estrutura interna da sílaba baseada na fonologia autosegmental de Silva (2015, p. 205):



Baseada em uma tabela adaptada de Blevins (1995:217), podemos evidenciar os tipos de sílabas ocorridas no português brasileiro, (C) para consoante e (V) para vogal.

Tabela 4

	V	CV	CVC	VC	CCV	CCVC	CVCC	VCC	CCVCC	CCVVCC	CCVV	CVV	VV	CVCC
Port	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Note que a posição em que se admite maior quantidade de consoantes é a sílaba CCVCC, ou seja, no máximo quatro consoantes C1C2VC3C4. Silva (2015) nos demonstra com a sílaba /traNS/, na palavra <transporte> /traNSpoRtj/, quando se admite o /N/ como arquifonema. Especialmente no que diz respeito sobre as consoantes em posição pós vocálica, a autora ainda ressalta algumas restrições como:



- b. Quando C3 ocorre, esta consoante deve ser um dos segmentos: /S/, /R/, /l/, /N/ (cf. /paS/ "paz"; /maR/ "mar" / 'kal/ "cal" e /laN/ "lã" ou /paSta/ "pasta", /maRka/ "marca": /'kalma/ "calma" e /laNje/ "lanche"). Geralmente apenas uma consoante -ou seja C3 - é permitida em posição pós vocálica em português.
- c. Quando C4 ocorre, esta consoante deve ser /S/ e o segmento correspondente a consoante C3 será um dos segmentos: /l/, /R/, /N/ (cf. /solS'tisio/ "solstício", /peRSpek'tiva/ "perspectiva" e /traNS'toRno/ "transtorno"). (SILVA, 2015, p. 164).

A autora ainda ressalta que consoantes pós-vocálicas ocorrem em posição medial ou final. No caso da posição medial a sílaba seguinte deverá ser iniciada por uma consoante para que deste modo não sofra alterações de reestruturação silábica. A palavra <paz+interior> /pazinteri'oR/ opõe-se a essa regra e o <S> pós-vocálico se junta a vogal no início da sílaba seguinte e ocupa uma posição pré-vocálica. É de suma importância que esses detalhes sejam evidenciados, uma vez que servirão para análise futura, caso objeto pesquisado, da inserção de C4 em sílaba travada por /R/. Ilustraremos, no quadro abaixo, os tipos de sílabas do português brasileiro, (SEARA ET AL., 2015, p. 125):

Quadro 3

Padrões silábicos		Exemplos	Transcrição fonológica
Sílabas livres	Sílabas travadas		
V		a	/a/
CV		pó	/' pɔ /
CVV		<u>pra</u> .to	/'prato/
	VC	<u>a</u> s	/aS/
	CCVC	<u>plás</u> .ti.co	/'plaStico/
	CVC	<u>cor</u> .da	/'kɔRda/
	CVCC	<u>pers</u> .pi.caz	/peRSpi'kaS/



Tonicidade

É possível perceber que quando falamos uma sílaba tônica sua pronúncia se destaca das demais sílabas, seja pelo seu alongamento ou por elevarmos seu tom. Deste modo. Silva (2015, p.77) nos esclarece como isso acontece, do ponto de vista funcional da fala. Segundo a autora, ao produzir a sílaba tônica o jato de ar é mais forte, ou seja, o pulso torácico é reforçado. E dentro dessa sílaba tônica o som mais perceptível é o da vogal. Ao falarmos de tonicidade estamos falando de acentuação, de ritmo da fala, que funciona como uma organização das cadeias sonoras. Nem todas línguas possuem acento. O português possui e é importantíssimo, pois definimos conceitos de algumas palavras pelo sua acentuação. As línguas que não possuem acento podem apresentar tons de diferentes níveis, mas não os especificaremos, pois nosso foco é na língua portuguesa. Em uma língua que possui acento, é primordial que saibamos os traços que distinguem uma palavra ou sentença de outras. Seara et al. (2015) traz em seus estudos, que o acento é o traço distintivo dos vocábulos no português brasileiro, podendo ser encontrado em três lugares: na última, penúltima ou antepenúltima sílaba e corresponde a oxítone, paroxítone e proparoxítone respectivamente. O acento é tratado como um suprasegmento, pois se sobrepõe aos segmentos, ou seja, é considerado maior que uma unidade fonêmica. Contrário a essa ideia dada a tonicidade, temos os que pregam que a acentuação no português é óbvia, pois ocorre nas três últimas sílabas, a maioria das palavras são paroxítonas, a minoria as proparoxítonas e no nível intermediário temos as oxítonas. No caso das proparoxítonas e geralmente de originam de outros países e acabam por perder. na maioria das vezes, sua última sílaba na pronúncia se tornando uma paroxítone. por exemplo a palavra <árvore> que passa a ser ['a.rv.j]. As oxítonas, em sua maioria, tendem a terminar em consoantes. As sílabas finalizadas dessa formas são as chamadas sílabas pesadas ou travadas e voltamos a lembrar da coda complexa a qual já expomos conceitos. As oxítonas que fogem a esse padrão e que são finalizadas em vogais tem, em sua maioria, origem estrangeira. O acento preferível no caso da palavra terminar em vogal é na penúltima sílaba e portanto paroxítone. Câmara Jr. (1977) (apud Seara et al. 2010, p. 129) introduz a acentuação por grau. Neste contexto. cada vocábulo possui um grau de acentuação, sendo que a sílaba tônica terá o maior grau (grau3). as sílabas pós- tônicas serão mais fracas (grau 0) que as pré-tônicas (grau 1). O termo vocábulo surge devido a interpretação criada para melhor explicitar o fenômeno da pronúncia, sem pausa, de grupo de palavras com apenas um acento ou grupo de força. Temos exemplo disso em <de repente> que se torna <derrepente>. Quando houver em uma palavra um clítico ou ela tiver uma formação composta teremos uma sílaba de maior intensidade (2). "Clítico é uma palavra que depende fonologicamente de outra. comportando-se como se fosse uma das suas sílabas[...]", (Seara et al. 20 IO, p. 130). Trataremos nos capítulos seguintes a realização da pesquisa de campo, os



materiais com referência à pesquisa na literatura e por fim faremos um análise sobre a sílaba estudada e seu registro.

TEMA REGISTRO

Este trabalho tem como tema a descrição fonética que poderá ser observada na pronúncia de uma sílaba, mais precisamente, na inserção de uma consoante em sílaba complexa com final /R/. A estrutura normal da sílaba estudada é de C1VC2, porém, acreditamos ser realizada com adição de uma C3. A preocupação com a temática é o registro dessa variação linguística, uma vez que registrando-a, outras pesquisas poderão ser feitas com o propósito de aprofundar linguisticamente no tema. Além do que contribui para catalogar



essa variação observada e analisada na cidade dos falantes e a partir dos mesmos fazendo com que também sua história contribua com a ciência.

Local das pesquisas

A escolha da região de pesquisa foi consequência da percepção do objeto de pesquisa em falantes pertencentes a ela. Deste modo, a apresentaremos para que se tenha conhecimento da mesma e contribua para o entendimento sobre suas variações linguísticas. Para o autor:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representa variedades. Concretamente o que chamamos de "língua portuguesa" engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto dos seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (ALKIMIM apud MUSSALIM e Bentes, 2001, p.33)

A região escolhida foi a sul do Estado Mato Grosso com colaboradores residentes na cidade Alto Araguaia. Segundo Tomanin, (2003, p. 21) "Pela Resolução nº 837, de 25 de outubro de 1921, com uma área territorial bem maior do que a que possui atualmente foi oficialmente criado o município de Santa Rita do Araguaia. No ano de 1938, o município recebe o nome pelo qual é conhecido atualmente". A década de 40 foi a mais importante para região devido ao movimento "Marcha para o Oeste" que fomentou o crescimento das populações das áreas interioranas do país. Nos anos 70 a oferta por terras férteis nessa região era tentadora. Os sulistas interessados em investir suas economias na promissora agricultura migram em grande quantidade para essa região. O fluxo de migração foi grande devido não somente aos compradores de terras, mas sim pessoal para trabalharem nelas. Assim, a região passou produzir soja, além de continuar com a pecuária.

Um ponto a ressaltar é que a economia do município alavancou muito durante aproximadamente os últimos 10 anos. O fato se deve a passagem da linha ferroviária Ferronorte, responsável por transportar os grãos colhidos na região até o porto de Santos. Essa mudança econômica atraiu muitas pessoas, de diversas regiões do país, devido a oferta abundante de empregos, Porém devido à expansão dessa linha, seu terminal está atualmente localizado em Rondonópolis e causou a



transferência de muitas grandes empresas que ficavam no terminal da cidade, agora instaladas em Rondonópolis e conseqüentemente tem gerado uma evasão populacional em busca de emprego.



Outros dados do município, segundo informações colhidas no site da Prefeitura Municipal de Alto Araguaia, é que a cidade está localizada a 418,10 Km da capital do Estado. Microrregião: Sudeste Mato-grossense. Mesorregião: Alto Araguaia. Possui uma área de 5.538,02 km². Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.786 segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). A pessoa nascida em Alto Araguaia é denominado Araguaense. A população de Alto Araguaia, segundo IBGE, está estimada em 15.644 habitantes no ano de 2010.

Na coleta de dados para a pesquisa foram utilizados dois questionários: um com ênfase nos estudos sociolinguísticos(1) e outro com ênfase nos estudos fonéticos/fonológicos(2). Utilizaremos, no entanto, apenas o questionário de número dois (2), que diz respeito aos estudos fonéticos/fonológicos, ficando o questionário (1) disponível para estudos futuros. O questionário escolhido se baseia no questionário fonético-fonológico do Atlas Linguístico do Brasil do Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001), possui oitenta (80) questões sendo estas divididas em quinze grupos, sendo a categoria das palavras: X para as dissílabas, Y para as trissílabas, W para as polissílabas, Z para as monossílabas, T para tônico e U para átono. Temos ainda os grupos, sendo: A /R/ em coda medial, B /R/em coda final, C /S/ em coda medial, D

/N/ em coda medial e E /l/ em coda medial.

Foram gravadas as falas dos colaboradores através de gravador digital: gravador de voz avançado (1.3.26) Lovekara. As entrevistas duraram, em média, 15,66 minutos e cedidas por dois dos três colaboradores, sendo um no local de trabalho do mesmo e o outro em sua residência. Os colaboradores serão melhor descritos no próximo subcapítulo.

Colaboradores

Para descrever, a partir da fala, a sílaba peculiar e razão desse estudo, inicialmente o objetivo seria ter cerca de oito colaboradores com fala propícia a produção da referida sílaba. Entretanto houve resistência da maioria deles em conceder as entrevistas. A quantidade de colaboradores, neste caso, não interfere no estudo, uma vez que não é quantitativo. A intenção é que os colaboradores pronunciem a sílaba objeto de estudo nesta pesquisa. Ressaltaremos critérios secundários como 1 -naturalidade, 2- sexo, 3-idade e 4-escolarização. Para o quesito de naturalidade(1) os colaboradores a- teriam que ter nascido na região que compreende as cidades de Alto Araguaia, Alto Garças, Alto Taquari, Araguinha e Ponte Branca ou b- ser morador dessas cidades antes dos seus 10 anos de idade, c- não nasceu na região e tornou-se morador após os 10 anos de idade. Quanto ao sexo(2) será: a- feminino ou masculino.



A idade(3) a- até 50 anos b- acima de 50 anos. A escolarização(4) será definida em a- analfabeto, b- alfabetizado, c- fundamental incompleto, d- fundamental completo, ensino médio incompleto, f- ensino médio completo e g- ensino superior incompleto/completo. Os outros critérios servirão de apoio para desenvolvimento do registro e análise da sílaba estudada. Os dados pessoais dos colaboradores são sigilosos e portando trataremos nossos três colaboradores como F1, F 2 e F 3. O F1 apresentou os seguintes quesitos: 1a , 2b, 3a e 4e. O 2: 1a, 2b, 3b e 4d. Já o F3: 1a, 2a, 3b e 4c.

Transcrição fonética

Segundo Cavaliere (2010, p.46) transcrição fonética "é o ato de registrar os sons linguísticos mediante o uso do alfabeto fonético". Assim com o auxílio de alguns símbolos presentes no alfabeto fonético internacional (IPA) as entrevistas foram transcritas, ou seja, os sons de cada falante, baseando-se no tipo de transcrição ampla, que é registro dos segmento de maneira geral e não detalhada como é o caso da transcrição restrita. É necessário enfatizar que a transcrição fonética é feita entre colchetes [] e serve para descrever a fala e difere da transcrição fonológica que é feita em barras / / e serve para transcrever apenas segmentos que possuem distinções de significados.

Da inserção em coda em português

Na literatura encontramos vários estudos direcionados a estruturação e reestruturação silábica. Faremos uma síntese dos mais relevantes a essa pesquisa. São eles: Metátese e Hipértese Manuscritos do Século XVIII, de Freitas (2008), O papel do contexto fonológico no desenvolvimento da fala: implicações para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos e A aquisição da coda simples e complexa com /S/ em crianças com desvio fonológico de Mezzomo et al.(2008) e (2011) respectivamente, Comparação entre onset e coda silábica durante a aquisição fonológica, de Galea e Wertzner (2010), Parâmetros linguísticos utilizados para geração automática de prosódia em sistemas de síntese de fala, de Seara .Jr. et al.(2004), Encontros de fricativas e estratégicas fonéticas, de Prim (2008), A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-aleurense: uma análise preliminar, de Uliano et al.(2014) e Análise Variacionista do Rotacismo, de Costa (2007)

Começaremos com Freitas e seu trabalho intitulado Metátese e Hipértese Manuscritos do Século XVIII. Neste trabalho o autor estuda os processos de transposição nas sílabas e entre sílabas a partir de manuscritos antigos. A justificativa das transposições é de que apesar



de algumas palavras serem etimologicamente originais sofrem com o decorrer do tempo alterações significantes em suas grafias e conseqüentemente em seus fonemas. Alguns autores defendem que esses processos decorrem da metátese e hipértese. No caso da metátese Freitas a elucida, a partir de Coutinho (1977), que seria o processo de transposição na sílaba. Assim palavras como <semper> transformou-se em <sempre> e <inter> tornou-se <entre>. Já na hipértese o autor traz os estudos feitos por Pereira (1918) que conceitua a transposição ocorrida entre sílabas, como por exemplo o caso das palavras <desvariar> que tornou-se

<desvairar> e <ressabio> para <ressaibo>. Contrário a essas teorias de transposição o autor ainda traz pra seu trabalho Góis (1971) que sugere que nos tempos atuais não existem os processos de metátese e hipértese e sim processos decorrentes de uma "incorreção de ordem fonética". Deste modo, seria transformações diacrônicas da língua com exemplos das palavras <torcer> que pode ser falada como <trocer> ou <lagartixa> como <largartixa>. Freitas procura provar através de vários trechos dos manuscritos que Góis não está totalmente correto. Assim sua conclusão é de que, na época, a metátese ocorria de forma mais recorrente com consoantes líquidas r em posição de coda ou onset complexo e que provavelmente os processos de metátese e hipértese ocorriam em decorrência da influência que a língua oral exercia sobre a língua escrita. O autor termina enfatizando que os processos de metátese e hipértese "[...] são importantes na História da Língua Portuguesa, mas nem sempre resultam em mudanças definitivas na língua"

Na pesquisa sobre o papel do contexto fonológico no desenvolvimento da fala: implicações para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos, Mezzomo et al (2008) faz uma investigação sobre o domínio dos arquifonemas /N/, /L/, IS/ e /R/ e qual contexto fonológico é propício para a aquisição das codas medial e final em crianças que não apresentam desvios fonológicos. O estudo foi realizado com 170 crianças, sendo metade meninos e metade meninas. As idades variaram de 1-7 anos e os dados utilizados são de um banco de dados pertencente a uma universidade. Divididos em dois grupos por idade, o grupo com idade menor foi avaliado quanto ao surgimento do primeiro fonema e o outro grupo quanto ao domínio do último fone em contraste com a coda. As variáveis linguísticas consideradas foram vogal anterior, consoante posterior, tonicidade e número de sílabas. Para análise e codificação dos dados foram utilizados alguns programas específicos como o VARBRUL, CHECK TOK, READTOK, MAKECELL e IVARB. Os resultados são de que a sílaba tônica exerce papel importante na produção dos fonemas pós-vocálicos e a sílaba postônica na produção do /S/ em coda final. Quanto ao ambiente fonológico, os números apontam que a altura da vogal precedente esta ligada a produção correta dos fonemas pós-vocálicos, bem como quanto mais a vogal for baixa mais provável haja produção de segmentos em coda. No que se refere ao contexto seguinte foi observado que caso o segmento consonantal da coda tenha o mesmo articulador no próximo segmento é mais provável que a



coda seja pronunciada de forma correta. As palavras com menor número de sílabas tiveram desempenho favorável a acertos na produção dos segmentos pós-vocálicos.

Mezzomo et al (2011), em outra pesquisa, agora sobre a aquisição da coda simples e complexa com /S/ em crianças com desvio fonológico, após uma breve instrução sobre a estrutura da sílaba na língua portuguesa, nos remete às características mais específicas como a divisão da coda com fricativa em lexical e morfológica nos segmentos pós-vocálicos. Segundo a autora a coda lexical com formato CVC pode sofrer interferência no sentido caso haja a falta das fricativas, isso porque sua constituição está unida a um léxico. A coda morfológica é constituída a partir de um morfema unido a palavra e caso será ocultada não traz prejuízo ao sentido da palavra. Um fato relevante da pesquisa é mencionar que geralmente, por volta de um ano e meio de idade a dois anos e meio de idade, dominamos a produção das fricativas em coda e que isso ocorre de forma hierárquica, ou seja, produzimos primeiro os arquifonemas lateral /l/ e nasal /N/ e depois as fricativas /S/ e /R/. Deste modo pode ocorrer desvio fonológico quando a criança não apreende em idade propícia sistematizar sua língua materna, produzindo então codas diferenciadas, geralmente nas codas mais tardias como é o caso dos arquifonemas com as fricativas /S/ e /R/. O desvio fonológico nada tem a ver com as condições externas, por exemplo desenvolvimento cognitivo da criança e sim apenas com uma dificuldade ligada exclusivamente à aquisição fonética ou fonológica da língua. A metodologia do trabalho consta do uso de dados de 66 crianças colaboradoras, metade meninos e metade meninas. Coletados materiais de fala com análise voltada para as palavras alvos que deveriam conter coda simples lexical, coda simples morfológica, coda complexa com nasal e fricativa e coda complexa com glide e fricativa. Foi considerada válida as palavras com produção correta do /S/, omissão da coda ou sua substituição. As variáveis consideradas foram os fatores extralinguísticos, idade, sexo, grau de desvio, variáveis linguísticas, classe gramatical, tonicidade, número de sílabas, contexto precedente e tipo de coda. Foi utilizado o VARBRUL para análise quantitativa dos dados. Alguns achados da pesquisa são relevantes para serem apresentados como o fato de que as crianças que apresentam um grau mais elevado de desvio fonológico usam mais estratégias de reparo tentando pronunciar corretamente a palavra de forma correta. O estudo também aponta que conforme a idade da criança avança mais ele tenta falar de forma correta a coda e que também pode ocorrer retrocesso no uso da coda durante o processo de domínio da mesma. A autora conclui a pesquisa afirmando que as crianças com desvio fonológico são influenciadas, de forma significativa, ao produzirem codas simples e complexas com arquifonema /S/ quando há presença de variáveis gravidade do desvio, tipo de coda e classe gramatical'

Em estudos realizados também com crianças: Comparação entre onset e coda silábica durante a aquisição fonológica, Galea e Wertzner (2010) comparam os acertos de onset e coda dos arquifonemas /S/ e /R/. A pesquisa contou com cerca de 88 crianças colaboradoras, divididas por idade. Para coleta



de dados foram feitas três tipos de provas fonológicas: nomeação, imitação e fala espontânea. Os resultados apontaram que no caso do arquifonema

/S/ não apresentaram diferenças significativas entre acertos do onset e coda. O caso se diferencia quando temos o arquifonema /R/, a maioria dos acertos ocorreram na sílaba tipo onset.

Nos três últimos textos podemos ver o quão a coda silábica foi estudada, começando com falantes iniciais e certamente buscando resposta para tantos casos de desvios fonológicos desta categoria tanto em crianças como em adultos. Esses teóricos preveem a coda silábica como a estrutura mais frágil da formação silábica e portanto mais suscetível a desvios fonológicos.

Seara Jr. et ai. (2004), em seu estudo denominado: Parâmetros linguísticos utilizados para geração automática de prosódia em sistemas de síntese de fala, sugere um classificador de sílabas para compor um sistema responsável por sintetizar a fala. Para isto, o autor implica o problema de entonação utilizado nos sistemas atuais e destaca a importância de usar a ciência da linguística em prol do melhoramento desse sistema de fala específico, tornando-o mais próximo, o possível, da fala natural. Deste modo, através de testes com palavras coletadas por um banco de dados de um conjunto de notícias. As palavras transcritas corretamente tiveram as sílabas separadas de forma adequada. Divididas em grupos muitas dessas palavras sofreram ressilabação devido a presença de grupos clíticos ou chamado por outros autores de sândi (relembre em 2.2. 1 .2). O estudo foi realizado com o auxílio da fonética perceptiva e mostra resultados favoráveis com a aplicação desses parâmetros linguísticos, melhorando a fala sintetizada.

Prim (2008) também cita caso de ditongação no seu estudo: Encontros de fricativas e estratégicas fonéticas. O estudo foi realizado em Florianópolis-SC e contou com três colaboradores do sexo feminino. Nesse estudo a autora investiga os processos que ocorrem quando duas fricativas, as alveolares ou pós-alveolares se encontram dentro de sintagma nominal, mais especificamente entre determinantes e nomes. Deste modo os colaboradores reproduziram sentenças cujo nome iniciasse com fricativas alveolares [s] e [z] e pós-alveolares [ʃ] e [ʒ], a fim de distinguir em suas pronúncias as formas singular e plural. Antes das sentenças que seriam avaliadas, os colaboradores pronunciaram sentenças com ocorrência de sândi. A maioria vozeou o onset, como previsto. Quanto aos resultados foram dois: chiantes <os+sábados> [uʃ 'sabadus] e ditongação do determinante <os+surfistas> [ui



suí'fistas]. Uma curiosidade mostrada na pesquisa ocorreu com o caso das sentenças com presença de pronomes possessivos femininos pronominais que ao invés da ditongaçãolai] ocorre o [e], por exemplo <minhas sacolas> [‘miņe sa’kolas].

Uliano et al. (2014), e sua pesquisa denominada A ditongaçãodas sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar, propõe uma investigação desse fenômeno que ocorre na fala da maioria dos brasileiros. a ditongaçãod. Baseando-se também em Câmara Jr. (1986) a autora sugere sua concepçãoditongaçãod: acontece uma mudança decorrente de uma vogal simples ter adiçãoditongaçãod de uma semivogal surgindo a ditongaçãod. Assim inúmeraspalavras como <dez>, <feroz>, <arroz> e <inglês> sofrem ditongaçãod e portanto são pronunciadas como [‘deis], [fe’rois], [a’hois] e [ĩ’gleis]. A coda silábica antes constituída, em sua maioria, por C1VC2 passa a ter C1VV’C2. O estudo foi realizado com três informantes e coletou dados através de uma lista com vinte e oito palavras contendo possíveis ditongaçãods. Os resultados mostraram três aspectos: vogal preservada, vogal ditongada e produçãogradiente. No caso da ditongaçãod as ocorrênciativeram predomíniodiante das vogais baixa central [a] e média alta anterior [e]. Já para as gradientes houve diferençade um local para outro e portanto com ocorrênciamediante vogal baixa central em um local e diante das vogais baixa central a] e média alta anterior [e] no outro. Novamente temos estudos com a coda silábica e neste caso com acréscimode uma semivogal a coda. É importante frisar que este estudo, em especial, analisou casos apenas com sílabas tônicas e em coda final.

No caso do rotacismo Costa (2007) autora do trabalho Análise Variacionista do Rotacismo, analisa a troca das consoantes lateral dental/alveolar [l] (liquida) pela vibrante/tepe dental/alveolar [r] (vibrante). Descartando as variantes exclusivas de estudos sociolinguísticos, o trabalho mostra o rotacismo através de contextos silábicos como posição da sílaba, contexto precedente, presença de outro segmento líquido na palavra, sonoridade do segmento e ataque complexo (onset complexo). Para a posição da sílaba a autora trouxe como provável fator de variação a força articulatória e valor de sonância dos segmentos. A autora cita o Princípio de Sequenciamento de Sonância (Clements, 1990) que prega a existência de mais ocorrências de líquidas vibrantes em contextos fonológicos em oposição a líquida lateral e portanto a líquida vibrante seria mais propícia a formação de onset complexo. O contexto precedente visa responder dúvidas sobre o impacto de força que um segmento exerce sobre o outro a ponto de provocar um processo de mudança. Sobre a presença de outro segmento líquido na palavra a autora trouxe exemplo atual da palavra <problema> pronunciada como

<pobrema> e de uma palavra o latim que tinha dois [l] <vulgalis> que se transformou em <vulgaris>. Quanto sonoridade do segmento teriam como regra que os segmentos desvozeados/surdos possuem maior força consonantal que os segmentos vozeados/sonoros, favorecendo o rotacismo. O onset complexo favorece ocorrência do rotacismo comparado a



coda, bem como a ocorrência de palavras com onset complexo formado com vibrantes é maior do que com laterais.

Posto todo material teórico que contribua com essa pesquisa daremos início, no próximo capítulo, à análise da sílaba estudada e conclusão sobre o objeto estudado.

Análise dos processos em coda silábica

Serão analisados, neste capítulo, os dados mais relevantes a esta pesquisa retirados das amostras obtidas através de entrevistas com os colaboradores. Iniciaremos expondo os dados encontrados, seus contextos e os processos encontrados nas amostras através de um quadro ilustrativo. Posteriormente daremos início a análise do processo de inserção de C4, principal objeto de estudo desta pesquisa.

Fotografias da amostra

No quadro abaixo ilustraremos alguns dados relevantes a esta pesquisa e seus respectivos contextos, obtidos na amostra em entrevistas com os colaboradores. Informamos que os dados de um colaborador para o outro não serão repetidos caso ocorra a pronuncia, na amostra, de forma idêntica. Em destaque, estarão as palavras que sofreram algum tipo de processo fonológico como o rotacismo, apagamento, nasalização e inserção.

Ref.	Colaborador	Contextos	Dados obtidos	Padrão silábico	Questionário 2
01	F1	AX /R/ medial	T [ˈtaidʒj]	CVC	Questão n. 2
02			T [ˈs ertu]	CVC	Questão n. 3
03		AY /R/ medial	T [kaˈto.ɾzj]	CVC	Questão n. 18
04			U [peɪˈfumj]	CVC	Questão n. 21
05			U [ku.ɾˈtʃinɐ]	CVCC	Questão n. 23
06		AW /R/ medial	U [ma.ɪmeˈladɐ]	CVC	Questão n. 27
07		BZ /R/ final	T [ˈmaɪ]	CVC	Questão n. 28



08	BX IR/ final	T [ka'loɪ]	CVC	Questão n. 34
09	BY /R/ final	T [aʃɐ]	CV	Questão n. 40
10	BW /R/ final	T [litʃifika'noɪ]	CVC	Questão n. 43
11	CX /S/ medial	T [ˈsestɐ]	CVC	Questão n. 49



12		CY /S/ medial	T [dʒis'viu]	cvc	Questão n. 52
13		CW /S/ medial	U [kɔstu'rɛrɐ]	CVC	Questão n. 58
14		DX /N/ medial	T ['prãtɐ]	ccvc	Questão n. 59
15		DY /N/ medial	U [i'jadɐ]	vc	Questão n. 66
16		CW /N/ medial	U [i'fer'meru]	vc	Questão n. 72
17		EX /l/ medial	['fawtɐ]	cvv	Questão n. 75
18		EY /l/medial	[aw'mosu]	VV	Questão n. 78
19	F2	AY /R/ medial	U [kuhs'tʃinɐ]	cvcc	Questão n. 23
20		BW /R/ final	T [litʃifika'doh]	cvc	Questão n. 43
21		C W /S/ medial	U [kustu'rɛrɐ]	cvc	Questão n. 58
22		CW /N/ medial	U [i'fer'merɐ]	V	Questão n. 72
23	F3	AX /R/ medial	NCQ*	----- -	Questão n. 02
24			NCQ*	-----	Questão n. 03
25			T [kɔrdɐs]	cvc	Questão n. 05
26		AY /R/ medial	T [ka'to.ɪzj]	cvc	Questão n. 18
27			NCQ*	-----	Questão n. 21
28			U [ku.ɪs'tʃinɐ]	cvcc	Questão n. 23
29		AW /R/ medial	U [mãme'ladɐ]	cv	Questão n. 27
30		BZ /R/ final	SR**	-----	Questão n. 28
31		BX /R/ final	T [ka'lu]	cv	Questão n. 34
32		BW /R/ final	T [ifika'do.ɪ]	cvc	Questão n. 43
33		CY /S/ medial	NCQ*	-----	Questão n. 52
34		CW /S/ medial	U [kustu'rɛrɐ]	cvc	Questão n. 58
35		DV /N/ medial	[i'goi'dɐ]	cvv	Questão n. 68
36		CW /N/ medial	NCQ*	-----	Questão n. 72
37		EX /l/ medial	NCQ*	-----	Questão n. 75

*NCQ: Não respondeu conforme o questionário

**SR: Sem resposta



No quadro 6, exposto acima, é possível notar que algumas palavras sofreram processo apagamento do /R/ em coda medial e final itens 29 e 31, nas palavras <marmelada> [mame' lada] e <calor> [ka'lo], respectivamente. Esse fenômeno ocorre frequentemente em muitas regiões do país e é estudado por muitos linguistas da área de fonética/fonológica e também da sociolinguística. Note ainda que a palavra <marmelada> sofreu em sua primeira sílaba, além do processo de apagamento, o processo de nasalização. Esse processo ocorre, segundo a teoria fonológica, geralmente, quando a vogal antes da consoante nasal se torna também nasal, por exemplo em <cama> /'kama/ [kãme]. Assim a vogal <a> da primeira sílaba da palavra

<marmelada> [mãme'lade] assimilou o traço de [+nas] da consoante da sílaba seguinte, o <m>.

O item 14 ilustra um caso de rotacismo. A palavra <planta> em sua primeira sílaba tem uma consoante lateral [l] substituída por uma tepe [ɾ], sendo pronunciada como [prãtel].

No item 35 observamos o processo de ditongação. A palavra <engordar> em sua primeira sílaba, em posição de coda medial travada por /R/, perde o segmento /R/ e é substituído por uma vogal alta <i>. A sílaba muda sua estrutura silábica de /goR/, CVC, para /goi/, CVV.

Nos itens 05, 19 e 30 é possível perceber que ocorre duas pronúncias para a mesma palavra que sofreu inserção do /S/: [kuhs'tʃine] (F1) e [kuis'tʃine] (F3) e portanto há variação fonética, uma vez que aparece a variação do arquifonema /R/ na sílaba estudada. Em uma pronúncia ocorre a fricativa glotal e na outra uma retroflexa alveolar.

Como os itens 05, 19 e 30 são de maior relevância para esse trabalho devido a inserção de C4 em coda medial silábica da palavra <cortina>, pronunciadas [kuhs'tʃine] e [kuis'tʃine], os próximos subcapítulos serão dedicados a análise dessa sílaba, sua estrutura, traços fonológicos, processo ocorrido e regra fonológica.

A estrutura da sílaba com ocorrência de inserção C4

Antes de iniciarmos nossa análise com foco na sílaba, atentamos rapidamente à variação fonética sofrida na palavra <cortina> /koRtina/, pronunciada como [kuhs'tʃine] e [kuis'tʃine]. Note que onde havia apenas uma consoante fricativa glotal desvozeada [h] ou uma retroflexa alveopalatal vozeada [ɻ] foi adicionada mais uma consoante fricativa dental desvozeada [s]



Sabemos que o tipo de sílaba na palavra <cortina>, na qual ocorreu a inserção, é uma coda medial travada pelo arquifonema /R/. A estrutura da sílaba passa de CVC /koR/ para CVCC /koRS/, ou seja, /koRtina/ passa a ser /koRStina/. Há portanto, a inserção de C4, pois antes a sílaba se estruturava em CIVC3 e passou a CIVC3C4. Podemos notar que houve inserção de mais um arquifonema depois de /R/, o /S/. Essa inserção não fere a regra estabelecida para esse tipo de sílaba, que esclarece as seguintes restrições: ocorrência de C3 e C4 como sendo facultativa, C3 ocorrerá apenas se for /S/. /R/, /l/ e /N/, sendo para C4 o /S/ e



para C3 o /R/, /l/ e /N/. Assim, a sílaba em coda travada por /R/ encaixa-se perfeitamente às exigências pelas quais ocorre um processo por inserção.

A estrutura interna da sílaba em que ocorre inserção, baseada na teoria autossegmental, assim seria constituída de onset ou ataque (O), núcleo (N), rima (R) e coda (C) e ilustrada em (1) e (2):

(1) Estrutura silábica interna sem inserção



(2) Estrutura silábica interna com inserção





C — V — C — C
| | | |
c o r s

Traços fonológicos



Com base na matriz fonológica proponho uma distribuição de traços de segmentos para a palavra que sofreu inserção < cortina > /koRStina/. Separamos os segmentos que compõem a palavra (quadro 7) e posteriormente os da sílaba (quadro 8), com o intuito de observarmos e indicamos os traços que são comuns ou os não-comuns em específico /r/ /s/ e /tʃ/.

Quadro 7

	k	o	r	S	tʃ	i	n	ɐ
Silábico	-	+	-	-	-	+	-	-
Consonantal	+	-	+	+	+	-	+	+
Soante	-	+	+	-	-	+	+	+
Anterior	-	-	-	+	-	-	+	-
Coronal	-	-	-	+	+	-	+	-
Alto	+	-	+	-	+	+	-	-
Baixo	-	-	-	-	-	-	-	-
Recuado	+	+	-	-	-	-	-	+
Arredondado	-	+	-	-	-	-	-	-
Nasal	-	-	-	-	-	-	+	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-
Contínuo	-	-	-	+	-	-	-	-
Soltura Retardada	-	-	-	-	+	-	-	-
Sonoro	-	+	+	-	-	+	+	+
Estridente	-	-	-	+	-	-	-	-
Tenso	-	+	-	-	-	+	-	-



Quadro 8

	r	S	tj
Silábico	-	-	-



Consonantal	+	+	+
Soante	+	-	-
Anterior	-	+	-
Coronal	-	+	+
Alto	+	-	+
Baixo	-	-	-
Recuado	-	-	-
Arredondado	-	-	-
Nasal	-	-	-
Lateral	-	-	-
Contínuo	-	+	-
Soltura Retardada	-	-	+
Sonoro	+	-	-
Estridente	-	+	-
Tenso	-	-	-

É possível perceber, no quadro 8, que as consoantes da sílaba que sofreu inserção, /r/ /s/ e /tʃ/, apresentaram diferenças em oito dos dezesseis traços distintivos. Os traços distintivos que apresentaram essas diferenças são: soante [soan], anterior [ant], coronal [cor], alto [alt], contínuo [cont], soltura retardada [solt ret], sonoro [son] e estridente [estr]. O segmento /r/ apresentou traços de soante [+soan] e sonoro [+son] divergentes de /s/ e /tʃ/, que são [-soan] e [-son]. Também nesse segmento o traço coronal é [-cor], diferenciando-se dos outros dois segmentos que são [+cor]. O segmento /s/ se opõe aos outros segmentos /r/ e /t/, devido aos traços anterior [+ant], alto [-alt], contínuo [+cont] e estridente [+estr]. Por último temos o segmento /tʃ/, que apresenta o traço soltura retardada [+solt ret] divergente de /r/ e /s/. Salientamos que os segmentos apresentaram também oito traços distintivos com propriedades comuns



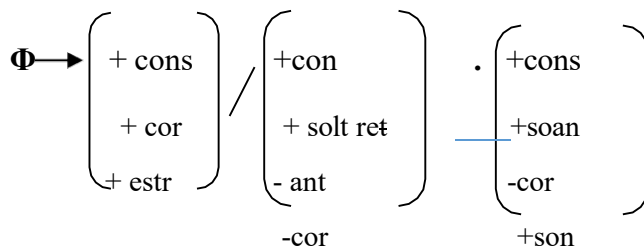
como silábico, consonantal, baixo, recuado. Arredondado, nasal, lateral e tenso, constituindo portanto classes naturais.



Podemos, a partir das diferenças de traços apresentadas, observar que os segmentos /r/ e /s/ possuem sete ambientes opostos em seus traços: soante, anterior, coronal, alto, contínuo, sonoro e estridente. E nos segmentos /s/ e /tʃ/ foram detectadas cinco oposições nos traços: anterior, alto, contínuo, soltura retardada e estridente. Tendo conhecimento dessas oposições, podemos partir do pressuposto de que devido as oposições de traços terem ocorridas em maior quantidade do segmento /r/ para /s/, isso seria a causa mais provável da inserção de /S/ em coda medial travada por /r/. Porém, não foi verificado a inserção, por ora, em nenhuma outra palavra/sílaba com as mesmas características da palavra <cortina>. Deste modo, é mais provável que o segmento seguinte ao /r/ e portanto /tʃ/ tenha condicionado a inserção de /s/. Assim faremos no próximo capítulo a análise do processo de inserção e posteriormente sua regra fonológica.

O processo e a regra fonológica

A fonologia de visão gerativista prevê que todo componente fonológico possui suas representações e regras pré-definidas. Quando há alteração na representação de algum componente e sua regra não obtém a mesma finalidade de antes estamos diante de um processo fonológico. No caso da palavra <cortina> /koRStina/ [kuis'tʃinɐ], há visivelmente um processo de inserção consonantal. Visto que ocorreu apenas nesta palavra, pressupõe-se que sua ocorrência esteja condicionada a presença do segmento posterior /tʃ/ sendo a regra assim definida:





A regra prevê que haverá inserção de um segmento [+cons, +cor, + estr] em final de sílaba, ou seja [s], quando uma consoante [+ cons, + soan, -cor, +son], também em final de sílaba, for antecedida por uma consoante [+cons, +solt ret, - ant, -cor], [tj]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando estudar um caso de processo de reestruturação silábica em Alto AraguaiaMT, iniciamos esta pesquisa. A busca constituiu-se de verificar a ocorrência inserção de consoante C4 em coda silábica medial e final de palavras, baseada nas amostras de dados coletados e transcritos foneticamente resultantes de três entrevistas gravadas com colaboradores que residem em Alto Araguaia.

Após busca em literaturas conhecidas e outras buscas em veículos de grande divulgação sobre, acreditamos que o caso ainda não tenha sido descrito para o português brasileiro.

Teve-se como embasamento teórico para este trabalho os estudos fonético-fonológicos de cunho estruturalista e gerativista. Foram apresentados os conceitos como fone, fonema, traços fonológicos, estrutura silábica, dentre outros que foram considerados de maior relevância para a análise da sílaba a ser investigada.

Foi utilizada a tabela do alfabeto internacional fonético, o IPA, para a transcrição fonética das entrevistas; o gravador de voz avançado (1.3.26) da Lovekara para gravar a fala dos colaboradores e o programa de som em formato MP3 para arquivar os dados de fala. A elaboração do questionário para as entrevistas foi baseado no Atlas linguístico do Brasil, ALiB (2001).

Teve-se por hipótese a existência da ocorrência de inserção de C4 em sílabas travadas por /R/. Tal hipótese foi confirmada após as transcrições fonéticas das amostras que apontaram a inserção de C4 em coda medial na palavra < cortina > /koRStina/ [kʊs'tʃinɐ]/ [kuhs'tʃinɐ].

Analisamos a estrutura sílaba que sofreu inserção, os traços fonológicos de cada segmento condicionados a mudança estrutural da sílaba, o processo fonológico ocorrido e formulamos uma regra para esse processo.

Assim é possível afirmar que houve uma reestruturação silábica ou ressilabação consonantal na sílaba medial travada por /R/ da palavra < cortina >, passando de C1VC3 para C1VC3C4. E acreditamos que tal processo de inserção é condicionado pelo segmento vizinho, a consoante africada alveopalatal desvozeada [tʃ].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e a Fonologia**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAVALIERE, Ricardo. **Pontos Essenciais em Fonética e Fonologia**. Coleção Pontos Essenciais, Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

COMITÉ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas linguístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: 2001.

COSTA, Luciane Trennephol. **Análise variacionista do rotacismo**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem — ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

FREITAS, Marcela Martins de. **Metátese e hipértese em manuscritos do século XVIII**.

Revista Filol. Linguist. USP, São Paulo: n.7, P. 119- 128. 2008.

GALEA, E. S.; WERTZER, H. F. **Comparação entre onset e coda silábica durante a aquisição fonológica**. *Revista soc. Bras. fonoaudiol*, 2010: 15(1): 103-7.

MEZZONO, Carolina Lisboa; et al. **O papel do contexto fonológico no desenvolvimento da fala: implicações para a terapia dos desvios fonológicos evolutivos**. *Revista Letras de Hoje, Porto Alegre*: vl. 43, n.3, jul/set. 2008. P. 15-21.

MEZZONO et al. **A aquisição da coda simples e complexa com IS/ em crianças com desvio fonológico**. *Revista CEFAC*. São Paulo: 2011

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. *Introdução à linguística domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001

PRIM, Cristina de Souza. **Encontros de fricativas e estratégicas fonéticas**. Revista Anais do CELSUL, 2008.

SCHWINDT, Luiz Carlos. **Neutralização da vogal pretônica e formação de palavras em português brasileiro**. Revista Organon, Porto Alegre, vl . 28. n. 54. jan./jun. 2013. P. 137- 154.

SEARA, Isabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. SEARA JR, Rui; et al. Parâmetros linguísticos utilizados para a geração automática de prosódia em sistemas de síntese de fala. In: XXI SIMPOSIO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES SBT. Belém: 2004.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2015.

TOMANIN, Cássia Regina. **Fotografias da fala de Alto Araguaia**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003

ULIANO, Cristiane Gonçalves; et al. **A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar**. UOX Revista acadêmica de Letras-Português, n. 02, 2014/1 .